

Comentários

Prezados(as) colaboradores(as), o cenário econômico foi influenciado pelos seguintes eventos no mês de maio:

Cenário Internacional

- Após chegar a seu terceiro mês, o conflito no Oriente Médio entre EUA e Irã continuou monopolizando as atenções e definindo os movimentos dos principais mercados de negócios ao redor do globo. Em um ambiente em que o conflito entrou de muito “vai e vem” de notícias, com muita retórica e acusações e pouca evolução de fato, os analistas e investidores passaram a fazer as contas não mais “se” ele impactará as economias ao redor do mundo, mas sim o “quanto”. Nesse sentido, as primeiras evidências de que o aumento dos preços do petróleo começou a impactar os índices de inflação causaram mudança nas expectativas para as políticas monetárias dos principais Bancos Centrais, elevando as taxas de juros nos mercados desenvolvidos.
- Nos EUA, o mercado de trabalho registrou mais um mês de bons dados com forte criação de vagas (a maior em dois meses desde 2024) e estabilidade na taxa de desemprego, as vendas no varejo avançaram pelo terceiro mês consecutivo (não ajustado pela inflação) e o consumo na leitura do PIB do primeiro trimestre subiu acima do esperado (1,6%). Porém, se por um lado houve evidências da manutenção de uma boa atividade econômica, por outro apareceram sinais de que a inflação mais alta pode começar a impactar os gastos das famílias, uma vez que o CPI dos últimos meses veio mais forte (0,64%), superando o crescimento salarial (ganhos reais por hora caíram 0,3%, pela primeira vez em 3 anos) e derrubando a renda disponível ajustada pela inflação em 0,5% (dado de abril). Crescimento salarial real negativo e menor renda disponível podem impactar o consumo no futuro.
- A materialização da alta da inflação, mesmo que de forma temporária, alterou as expectativas para os juros ao redor do mundo e fez com que nos EUA os investidores passassem a não esperar mais quedas de juros esse ano, colocando até 40% de chance de alguma alta. Como consequência, as taxas dos títulos soberanos apresentaram altas generalizadas e chegaram aos maiores níveis em anos (a Treasury de 30 anos chegou a 5,19%, maior nível desde 2007), situação que arrefeceu um pouco no fechamento do mês com as esperanças em um acordo para o conflito marginalmente renovadas. Por outro lado, a bolsa norte-americana apresentou novamente descolamento do conflito e resiliência e registrou mais um mês de relevante valorização, apoiada nos bons resultados das empresas (cerca de 85% das companhias do S&P500 reportaram lucros acima do esperado) e nas expectativas de crescimento das empresas ligadas direta ou indiretamente à IA e ao setor de tecnologia. Com alta de 5,15%, o S&P500 passou a acumular no ano alta de 10,7% (mesmo comportamento do MSCI World, com avanço de 4,4% no mês e 9,8% no ano).

Cenário Local

- No Brasil, assim como no cenário internacional, os movimentos nos mercados foram muito impactados pelo conflito no Oriente Médio e suas consequências, uma vez que também por aqui a inflação corrente e suas expectativas seguiu se deteriorando e as perspectivas para novos cortes na taxa Selic continuaram diminuindo. No entanto, nova rodada de deterioração das contas públicas e um novo evento político que mexeu com as apostas para a corrida presidencial também pesaram nos mercados.
- Do lado da economia real, os dados da atividade foram mistos, com alta na indústria e no varejo (PIM e PMC) e queda nos serviços (PMS), enquanto o mercado de trabalho continuou apresentando dados

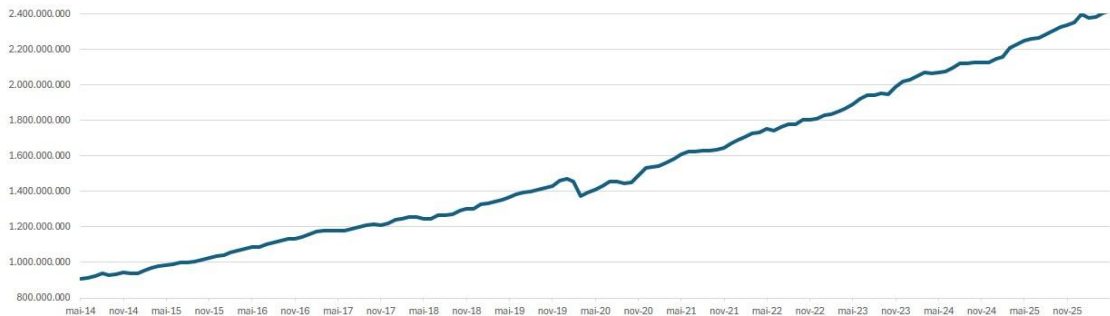
positivos, mas com perda de tração. A atividade corrente se comportou em linha com o esperado pelos investidores, com perda de dinamismo por causa das altas taxas de juros e elevado comprometimento da renda das famílias com endividamento, mas com os impulsos fiscais e parafiscais puxando a economia por outro lado (no 1T26, o PIB anual avançou 1,8%). E foram justamente esses impulsos que continuaram deteriorando as contas públicas, fazendo o déficit nominal alcançar R\$ 1,218 trilhão no acumulado de 12 meses (alta de 28% em 1 ano) e a dívida continuar se expandindo (DLSP 66,8% e DBGG 80%), o que em conjunto com a alta inflação corrente e a piora das expectativas, elevaram as taxas dos títulos prefixados e atrelados à inflação.

- No fechamento do mês, o comportamento e performances dos mercados caminharam seguindo as notícias dos conflitos e as suas esperadas consequências e também de acordo com o recrudescimento das preocupações fiscais e da alteração no cenário eleitoral. Esses fatores somados à inflação corrente maior e deterioração das expectativas, que diminuíram as chances de cortes maiores da Selic nesse ano, resultaram em alta das taxas dos títulos prefixados e dos atrelados à inflação, impactando seus retornos (0,68% e 0,31%, respectivamente). Por sua vez a bolsa de valores foi o mercado mais impactado pelos pontos acima e pela maior saída de recursos estrangeiros desde março de 2022 (R\$ 13,2 bilhões), o que resultou na pior perda desde fevereiro de 2023: queda de 7,22%.

Quadro de Rentabilidade

	<i>Maio</i>	<i>3 meses</i>	<i>6 meses</i>	<i>2026</i>	<i>12 meses</i>	<i>24 meses</i>	<i>36 meses</i>	<i>60 meses</i>	<i>120 meses</i>
Plano BASF	0,65%	2,29%	5,96%	5,05%	12,35%	23,93%	36,07%	61,71%	168,34%
CDI	1,07%	3,41%	6,95%	5,66%	14,75%	28,30%	43,68%	75,98%	144,57%
Inflação (IPCA)	0,58%	2,14%	3,54%	3,20%	4,72%	10,30%	14,63%	33,11%	63,42%
Poupança	0,67%	1,99%	4,07%	3,37%	8,35%	16,43%	25,22%	43,06%	79,57%

Evolução do Patrimônio



Composição Patrimonial

